

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: Matérias que citam o ministro Fernando Coelho Filho ou o MME:

O Globo

[Título: REFORMA DA PREVIDÊNCIA](#)..... 2

Sumário

VEÍCULO: O Globo	2
Título: REFORMA DA PREVIDÊNCIA.....	2
Título: Retomada do petróleo atrai estrangeiras.....	3
Título: Petrobras simplifica normas para ter mais fornecedores e reduzir custos.....	5
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	6
Título: Sem Previdência, Temer acenará com privatização da Eletrobras em Davos	6
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	8
Título: Produção recorde fortalece a política da Petrobrás.....	8
Título: Gasolina sobe 19,5% em seis meses e já beira os R\$ 5 em algumas cidades	9
Título: Gasolina do Rio é a segunda mais cara do país	10
Título: Petrobrás volta a integrar elite econômica em Fórum	12

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: MARTHA BECK****Título: REFORMA DA PREVIDÊNCIA**

Temer também irá acompanhado dos ministros da Fazenda, Henrique Meirelles, e de **Minas e Energia, Fernando Coelho**. Meirelles, possível candidato à Presidência, deve enfrentar questionamentos sobre sua intenção de disputar as urnas. E ele não será o único presidenciável em potencial. O prefeito de São Paulo, João Doria, também vai aos Alpes. A capital paulista vai sediar, em março deste ano, a edição latino-americana do Fórum Econômico, que sempre faz uma reunião voltada para a economia regional. No ano passado, o evento ocorreu em Buenos Aires. Durante o encontro, Temer apresentará a investidores o programa Avançar Parcerias. De acordo com o Palácio do Planalto, o programa já permitiu a conclusão de mais de 70 projetos que representam investimentos de R\$ 142 bilhões. Em 2018, outros 75 projetos serão ofertados, com expectativa de captação de mais de R\$ 130 bilhões. O presidente da Eletrobras, Wilson Ferreira Junior, também estará no Fórum para explicar a operação envolvendo a venda da estatal, assim como o presidente da Petrobras, Pedro Parente. Em seus encontros, Temer e Meirelles vão ainda destacar indicadores positivos da economia, como a inflação de 2,95%, abaixo da meta, a taxa básica de juros de 7% e o Ibovespa registrando recorde de 81 mil pontos, além da retomada do mercado de trabalho.

Na agenda do presidente está a participação em um debate sobre as reformas do país (“Diálogos estratégicos sobre o Brasil”) e em um jantar com investidores e diretores executivos. Meirelles, por sua vez, pretende dar destaque especial à importância da reforma da Previdência em seus encontros no Fórum. Com a votação marcada para 19 de fevereiro na Câmara, a mudança no regime de aposentadorias no país é uma das medidas consideradas mais importantes para o reequilíbrio das contas públicas. O ministro vai reforçar este discurso em um dos painéis dos quais vai participar em Davos, cujo nome é “Vamos viver até os 100 anos, mas vamos conseguir arcar com isso?”. O objetivo do debate é justamente discutir como os países estão lidando com o aumento da expectativa de vida da população e com o aumento dos custos com benefícios sociais e seus sistemas de saúde. Antes de chegar à Suíça, Meirelles fará uma parada em Londres para encontros com investidores.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: BRUNO ROSA E RAMONA ORDOÑEZ****Título: Retomada do petróleo atrai estrangeiras**

O setor de petróleo e gás no Brasil vem ganhando novos personagens. Companhias de países como Estados Unidos, Holanda, Suíça, Dinamarca, França e China estão se instalando no país e, principalmente, se associando a empresas nacionais de olho na retomada da atividade da indústria petrolífera. Esse movimento começou a ganhar força no ano passado e promete crescer nos próximos anos, de acordo com especialistas. Até a Petrobras já percebeu essa tendência. De acordo com a estatal, pelo menos 37 novas companhias do exterior já se habilitaram como fornecedores, das quais 11 ainda estão em processo de qualificação.

O interesse é pela área de serviços, responsável pela construção e montagem de equipamentos. O apetite visa a ocupar o espaço que antes era ocupado por nomes como Odebrecht, Queiroz Galvão, OAS e Engevix — algumas das 18 empresas que estão proibidas, por bloqueio cautelar, de firmar novos contratos com a Petrobras, por envolvimento em irregularidades reveladas pela Lava-Jato. Dados da consultoria EY apontam que 65% das 51 operações de fusões e aquisições no setor de óleo e gás no país nos últimos três anos envolveram estrangeiras. Com as grandes companhias fora do jogo, a própria Petrobras começou a correr atrás de novos fornecedores.

O resultado foi um aumento de 15% na base de empresas cadastradas no fim de 2017, para um total de 7.300. Desse total, 900 são estrangeiras. De acordo com os dados da estatal, houve avanço também no número de pequenas empresas cadastradas, que subiu de 1.300 para 1.500 entre 2016 e 2017. Segundo Eberaldo de Almeida Neto, gerente-executivo de Suprimento de Bens e Serviços da Petrobras, a companhia passou a buscar uma maior interação com o mercado, o que, pelos seus cálculos, aumentou a competitividade em 10% ao ano, reduzindo os custos. — Com o bloqueio cautelar, abriu-se espaço para novas oportunidades. Parte do pessoal que estava desempregado começou a se ocupar. Essas firmas estrangeiras, que entram no ramo de serviço, trazem conhecimento e capital para investir, além de montarem uma estrutura no Brasil. É muito comum essas empresas se associarem, ou adquirirem uma companhia nacional, e montarem um canteiro aqui, contratando brasileiros para fazerem os serviços de construção e montagem — exemplificou Eberaldo.

HOLANDESES INVESTEM EM CAXIAS

Um desses casos envolve a brasileira Safecon, que faz montagem e fornecimento de andaimes, além de desenvolver projetos na área de engenharia. Com unidade em Duque de Caxias e cerca de 70 colaboradores, a empresa acabou de selar uma joint venture com a holandesa Scafom-rux, uma das maiores fabricantes de andaimes do mundo. Segundo Manoel Assumpção Junior, diretor comercial, a união entre as duas companhias vai aumentar a competitividade no mercado: — A joint venture com a Scafom vai elevar nosso patamar de competição no mercado. O plano inicial é dobrar a capacidade de atendimento em até dois anos. Para a Scafom, também é um passo estratégico importantíssimo, pois, embora tenha atuação global, não atuava ativamente no Brasil. Nossa expectativa é de intensificação da demanda ao longo do ano com a retomada da Petrobras. Segundo Claudio Makarovsky, presidente da Abespetro, que reúne as empresas prestadoras de serviço, a recuperação do setor no Brasil, com o aumento do preço do petróleo para a faixa dos US\$ 70 por barril, está atraindo essas companhias do exterior.

— Como o Brasil tem muitas regras e é um país burocrático, essas estrangeiras estão se associando para ter acesso mais rápido à Petrobras, pois o cadastro é um processo complexo. Isso ajuda também a obter financiamento mais rapidamente aqui — comentou Makarovsky. A maior demanda dos estrangeiros também é sentida no Parque Industrial Bellavista, em Macaé. Segundo Leonardo Dias, diretor do espaço, há hoje negociação com cinco companhias do exterior, sendo três europeias, uma asiática e uma americana. — O ano de 2018 começou de forma positiva. Temos recebido sondagens de algumas empresas, inclusive que ainda não têm atuação no setor de petróleo no Brasil — afirmou Dias, destacando que hoje há nove companhias estrangeiras já instaladas e outras três em fase de implantação.

RECUPERAÇÃO DE PREÇOS

Segundo Viktor Andrade, sócio de fusões e aquisições do Centro de Energia e Recursos Naturais da EY, com a redução das encomendas da Petrobras após a Lava-Jato, algumas empresas brasileiras entraram em colapso financeiro. Agora, há uma reorganização da cadeia. Dados da Petrobras endossam a avaliação de Andrade. Segundo a estatal, foram 1.100 estrangeiras contratadas em 2014, número que caiu para 500 em 2016 e se manteve no mesmo patamar no ano passado: — Dentro da reorganização do setor de fornecedores, as empresas de serviço no Brasil precisam do capital do exterior para se reerguer. Para Rodrigo Mattos, diretor-executivo da Alvarez & Marsal, o Brasil está vivendo um movimento positivo no setor de petróleo e gás.

Segundo ele, o potencial de reservas no pré-sal, as regras mais atrativas à exploração, com as novas normas de conteúdo local, e a melhora dos preços internacionais do petróleo têm feito as petroleiras do exterior aumentarem

seus investimentos no país. Com isso, disse ele, elas acabam trazendo também seus fornecedores: — Temos percebido um movimento forte de associações e aquisições de empresas locais por estrangeiros para acelerar seu processo de instalação e contratação de mão de obra. Muitas dessas companhias brasileiras estão atravessando ou atravessaram processos de reestruturação por causa da crise gerada com a redução dos investimentos da Petrobras.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Bruno Rosa e Ramona Ordoñez

Título: Petrobras simplifica normas para ter mais fornecedores e reduzir custos

Em 2017, estatal conseguiu economizar R\$ 750 milhões com mudança em licitações

Como forma de atrair mais empresas para sua base de fornecedores e cortar custos, a Petrobras tem buscado aprimorar processos burocráticos, para simplificar normas e agilizar procedimentos. Segundo Eberaldo de Almeida Neto, gerente executivo de Suprimento de Bens e Serviços da Petrobras, a companhia vem trabalhando para se adequar cada vez mais ao padrão da indústria. Em 2017, a estatal conseguiu uma redução de R\$ 750 milhões nas despesas com esse tipo de iniciativa. Se somar as renegociações de contratos com fornecedores, a economia chegou a R\$ 3,5 bilhões no ano passado. — Estamos adotando novas estratégias. A ideia é que haja sentido para a Petrobras e para o fornecedor. Mas tudo é feito de forma bem cautelosa, dentro dos padrões técnicos. Também estamos reduzindo o tempo de análise das licitações, desburocratizando os projetos. Assim, da concepção de uma licitação até a assinatura do contrato, que levava 540 dias, esperamos chegar a 300 dias até meados do ano — destacou Eberaldo. Um exemplo da iniciativa da estatal é o total de consultas feitas pela Petrobras junto a fornecedores: foram mais de 400 pedidos de informação em 2017, uma alta de 50% em relação a 2016.

PARCERIAS ESTRATÉGICAS

Segundo ele, todas as fases do processo de licitação vão ocorrer de forma eletrônica. Ou seja, não haverá mais papel. — O objetivo é que tudo seja rastreável. Para ver o processo, será preciso se logar no sistema e tudo vai ficar registrado. Isso dará mais segurança — adiantou o executivo. Segundo Claudio Makarovsky, presidente da Abespetro, que reúne as empresas prestadoras de serviço, a mudança na Petrobras é positiva. No setor, disse ele, a estatal é conhecida como “a maior criadora de jabuticaba do mundo”. Ele citou o caso de um contrato para o afretamento de uma plataforma, que caiu de um total de

mil para cem páginas. — Os processos estão sendo simplificados. A Petrobras está se adaptando ao mercado para que qualquer empresa consiga atendê-la. Ao criar um projeto com especificidades únicas, o valor do contrato fica mais caro, pois o fornecedor coloca a exclusividade no preço. A mudança vai ajudar a empresa a reduzir os custos — pontuou Makarovsky. Especialistas também citam que a redução de custos é essencial para que a Petrobras consiga colocar de pé todos os projetos bilionários envolvendo o pré-sal.

Um exemplo, destacam os analistas, envolve as alianças estratégicas que a estatal vem fazendo com diversas companhias. No caso da aliança com a francesa Total, já foram assinadas transações de US\$ 2,2 bilhões, assim como os US\$ 2,9 bilhões acordados com a norueguesa Statoil. Estão na lista de parceiros ainda a americana ExxonMobil e a chinesa CNPC. — As alianças que a Petrobras têm feito são por necessidade econômica, ela não tem caixa para fazer tudo sozinha. A Petrobras perdeu muitos recursos com os casos de corrupção e as obras que custaram muito mais do que deveriam — disse Viktor Andrade, sócio de fusões e aquisições do Centro de Energia da EY. Segundo a gerente de Petróleo, Gás e Naval do Sistema Firjan, Karine Fragoso, devem ser contratados seis sistemas de produção neste ano, o que pode gerar investimento de US\$ 28 bilhões e 700 mil empregos: — Depois da Lava-Jato e da queda do preço do petróleo, o cenário está melhorando, com uma nova dinâmica. (Bruno Rosa e Ramona Ordoñez)

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Maria Cristina Frias

Título: Sem Previdência, Temer acenará com privatização da Eletrobras em Davos

Mercado Aberto

Com a assinatura do projeto de lei que privatiza a Eletrobras na sexta-feira (19), o presidente Michel Temer passa a ter o que levar na bagagem para Davos.

Sem reforma da Previdência aprovada e com o rating rebaixado do Brasil, faltava a Temer uma novidade positiva e de peso para apresentar no Fórum Econômico Mundial, que se realiza a partir de terça-feira (23), na Suíça.

Em sua aparição de apenas um dia, quarta (24), o presidente enfatizará que a privatização da Eletrobras será uma das maiores operações do gênero no mundo, de cerca de R\$ 12 bilhões, que evitará tirar R\$ 10 bilhões do caixa para alocar na companhia.

Com essa sinalização, a apontar para a preocupação com o equilíbrio fiscal e uma imagem palatável do país para os mercados, Temer vai tentar mostrar esforços para colocar economia nos trilhos.

Se desestatizada, a Eletrobras vai virar uma corporação, em que nenhum sócio terá mais de 10%. Apesar de manter uma golden share, o governo não poderá usar a companhia politicamente como em gestões passadas.

Na Petrobras, também há o que realçar, além da recuperação da empresa e de mudanças no setor. Se acertar a questão da cessão onerosa e fizer leilão de campos na Bahia, poderá levantar US\$ 30 bilhões, segundo bancos.

Em sua estreia no Fórum, Temer tem uma lista de pedidos de cerca de 15 presidentes e CEOs de bancos e empresas internacionais, entre elas a Shell e a multinacional brasileira AB Inbev.

Só cinco ou seis deverão ser atendidas nas duas horas de que o presidente disporá para esses encontros.

Outras mudanças... Em cerca de dez dias, o Ministério de Minas e Energia, espera apresentar ao Congresso um projeto de lei com um novo marco legal para o setor elétrico do país.

...energéticas O MME fez duas consultas públicas sobre o tema. O projeto deve reduzir o papel do governo, alterar o modelo de dinheiro subsidiado para o setor e uso de estatais, além de abrir o mercado.

Back to the game André Esteves, do BTG, é um dos banqueiros e empresários com quem o ministro Henrique Meirelles (Fazenda) se reunirá em Davos. Estará com o sócio Huw Jenkins, de Londres.

BUSCA POR INTERESSADOS

O diretor-executivo da Agência Nacional do Petróleo, Décio Oddone, passará a semana em reuniões com bancos e empresas do setor em Calgary, no Canadá, e Nova York, para buscar investidores para leilões do segmento.

Estão previstos para 2018 a 15a rodada de licitações de blocos do regime de concessão, em março, e a quarta rodada do prê-sal, em junho. Há ainda a possibilidade de leiloar o excedente da cessão onerosa.

“Isso representa 20 bilhões de barris. A ideia é ter também pequenas e médias empresas para criar um mercado dinâmico no país”, diz Oddone.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Editorial

Autor:

Título: Produção recorde fortalece a política da Petrobrás

A ênfase conferida pela Petrobrás à exploração e produção de petróleo deu novos e bons resultados em 2017: a produção média atingiu o recorde histórico de 2,15 milhões de barris/dia (b/d) e assegurou o cumprimento, pelo terceiro ano consecutivo, da meta de produção fixada pela empresa.

O resultado é ainda mais significativo numa fase de alta das cotações do petróleo no mercado internacional, permitindo ganhos adicionais tanto para a companhia como para a balança comercial brasileira. A chamada conta petróleo – um balanço de exportações e importações da commodity – foi superavitária em 2017.

Também foi recordista, em 2017, a produção própria de gás natural da Petrobrás, de 79,6 milhões de metros cúbicos por dia, o que permitiu elevar para 2,65 milhões de b/d de óleo equivalente a produção total. A produção da estatal já supera a da Venezuela e se aproxima da do Kuwait, de cerca de 2,7 milhões de barris/dia.

A exploração dos campos do pré-sal foi decisiva para os resultados, permitindo produzir 1,29 milhão de b/d considerando a Petrobrás e seus parceiros. Em dezembro, incluindo o gás natural, o pré-sal propiciou a produção de 1,68 milhão de b/d, 2% acima da registrada em novembro.

O Plano de Negócios 2018/2022 da Petrobrás contempla investimentos de US\$ 60,3 bilhões – 81% dos investimentos totais da empresa no período – em exploração e produção, com ênfase no pré-sal, que deverá receber 58% do total programado. O planejamento da empresa é conservador, baseando-se numa estimativa de cotação do petróleo de US\$ 53 o barril em 2018 e US\$ 58 em 2019, inferior à cotação atual próxima de US\$ 70 o barril.

A meta de produção é de 3,4 milhões de b/d em óleo equivalente em 2022, o que significa um aumento de 40% apenas na produção de petróleo. A política da Petrobrás mudou radicalmente, para melhor, na administração Pedro Parente, iniciada em maio de 2016.

Essa política transcende o aumento da produção, voltando-se para a redução do endividamento, adoção de critérios rígidos de governança corporativa e

compliance (respeito às leis e regras internas e externas), além de política de pessoal equilibrada. Tudo bem diferente do que se passou nos tempos em que a empresa foi usada para fins políticos pelo PT, em detrimento de seus acionistas, inclusive a União, como controladora, e do País.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Fernando Nakagawa Anne Warth

Título: Gasolina sobe 19,5% em seis meses e já beira os R\$ 5 em algumas cidades

Combustível. Valor médio, de R\$ 4,20, é o maior já registrado na série histórica da ANP, sem descontar a inflação; escalada está relacionada à nova política de ajustes da Petrobrás e especialistas sugerem adoção de tributo variável para amortecer as variações no preço

Nos últimos seis meses, o preço médio da gasolina subiu 19,5% nos postos de combustível e já se aproxima dos R\$ 4,20. Em algumas cidades, está perto de romper a barreira dos R\$ 5. O preço médio, sem descontar a inflação, é o maior já registrado na série histórica da Agência Nacional do Petróleo (ANP), que começou em 2001. A gasolina mais cara do Brasil está na região Norte.

Em Tefé, no Amazonas, o preço médio é de R\$ 4,941 por litro. Em Alenquer, no Pará, chega a R\$ 4,838. Para os paulistas, a gasolina mais cara é de Dracena (R\$ 4,196) e a mais barata fica em São José dos Campos (R\$ 3,863). A escalada do preço está relacionada à nova política de ajustes da Petrobrás, em vigor desde julho de 2017, quando a estatal anunciou que as variações ocorreriam com mais frequência. Nesse período, os preços foram reajustados 133 vezes.

A mudança foi feita para dar agilidade aos reajustes e acompanhar a volatilidade da taxa de câmbio e da cotação de petróleo. O barril ficou 28% mais caro nesse período. Quando se compara o preço da gasolina no País com o do mercado norte-americano – de livre concorrência e sem nenhum tipo de política de preços – percebe-se um ritmo diferente.

Nos EUA, o combustível ficou cerca de 7,6% mais caro quando o preço é convertido a reais. Uma das explicações pode estar na sazonalidade. O período comparado começa no verão – quando os combustíveis ficam mais caros nos EUA – e termina em pleno inverno – quando os preços historicamente são mais baixos.

Lá, a gasolina custa, em média, US\$ 2,639 o galão ou R\$ 2,2576 por litro. Para não colocar em cima do consumidor todo o peso da volatilidade internacional do petróleo, especialistas sugerem um “amortecedor de preços”. Um dos

mecanismos mais citados seria usar a atual Cide (o tributo federal que incide sobre os combustíveis) como um “colchão” para suportar a variação internacional, sem causar instabilidade no preço praticado no Brasil.

O tributo seria variável: quanto maior o valor do litro, menor o percentual da alíquota. E viceversa. “No Reino Unido, por exemplo, há certa estabilidade no valor cobrado, pois a volatilidade é amortecida pelo tributo variável. Isso dá mais estabilidade para o consumidor.

A maior parte da Europa faz isso, e o Japão também”, defende o presidente da consultoria agrícola Datagro, Plínio Nastari. O diretor do Centro Brasileiro de Infra Estrutura (CBIE), Adriano Pires, elogia a atual política de preços da Petrobrás por acabar com a “ficção econômica” praticada nos governos dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff – que represaram os preços para conter a inflação.

Pires defende, no entanto, o aprimoramento do sistema com a adoção da Cide como imposto ambiental – que oneraria a gasolina em favor de combustíveis mais limpos, como etanol – e também para corrigir externalidades – como a variação do preço internacional dos combustíveis. “A próxima etapa é rever a questão tributária.

É preciso avançar na questão ambiental e na volatilidade de preços.” A disparada da cotação do petróleo é resultado da maior demanda e consequente diminuição dos estoques, já que a produção não cresceu no mesmo ritmo, segundo o relatório da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Mas nem todo esse aumento chegou às bombas.

“De maneira geral, o petróleo não é um bem consumido diretamente, mas utilizado para produção de derivados. As negociações são realizadas com base nas cotações dos próprios derivados e não na do petróleo”, explica a Petrobrás em nota ao Estadão/Broadcast.

A estatal reconhece que, no longo prazo, petróleo e derivados têm comportamento semelhante, mas “no curto prazo podem ocorrer, e de fato ocorrem, oscilações de diferentes magnitudes”.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Fernanda Nunes / RIO Rafael Cicconi

Título: Gasolina do Rio é a segunda mais cara do país

Combustível chega a custar R\$ 4,998 na cidade

Mesmo próximo das maiores refinarias da Petrobrás, o Rio de Janeiro está no topo da lista dos Estados que pagam mais caro pela gasolina, atrás apenas do Acre, segundo levantamento feito pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). O litro do combustível era vendido na capital fluminense por até R\$ 4,998, na semana passada.

Em um posto da região central da cidade, o gerente Diego Pontes conta que o movimento caiu nos últimos meses. Para compensar, o posto optou por cortar custos. “Não chegamos a demitir. Mas estamos economizando. Em água, por exemplo. E acabamos com o cafezinho do lado da bomba, para todos os clientes.” Os consumidores também buscam alternativas para economizar.

O motorista profissional Milton Santos, de 60 anos, diz que passou a deixar o carro mais tempo na garagem e que “o jeito tem sido andar mais de bicicleta”. “É claro que não estou satisfeito. O governo só dificulta a nossa vida.” Ele afirma que, no dia a dia, não tem sentido os efeitos da queda da inflação oficial. O agente fiscal Nazareno dos Santos, de 65 anos, está buscando alternativas para diminuir os gastos.

“Até o mês passado, a gasolina estava a R\$ 3 e pouco. Agora, está a R\$ 5. Passei a economizar mais em casa, a gastar menos no supermercado.” Vizinhos. Cubatão, cidade litorânea com 127 mil habitantes a 70 quilômetros de São Paulo, tem cenário diferente de suas vizinhas.

Sem praias, o município tem como base da economia as empresas do polo industrial, dentre elas a Refinaria Presidente Bernardes, da Petrobrás. Mas a localização também não ajuda quem precisa abastecer seu veículo por lá. De acordo com a ANP, Cubatão é a quarta cidade de São Paulo com os preços mais altos de combustíveis nos postos. O motorista particular George Harynson Vieira de Almeida, de 25 anos, diz que vai para cidades vizinhas, como Santos e São Vicente, para abastecer seu carro.

“Só coloco gasolina no carro por aqui se eu estou na reserva.” A média dos preços em Cubatão é de R\$ 4,214, segundo a ANP, mas na Avenida 9 de Abril, a principal da cidade, é possível encontrar a gasolina comum até por R\$ 4,289. “Já cheguei a pagar de R\$ 0,70 a R\$ 1 a menos por litro nas cidades vizinhas.

Não dá para entender: como temos um combustível tão caro, se temos uma refinaria a apenas dois quilômetros de distância do posto?, questiona o jornalista Jason dos Santos, de 35 anos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Economia****Autor:****Título: Petrobrás volta a integrar elite econômica em Fórum**

A Petrobrás volta a ser uma das parceiras do Fórum Econômico de Davos, um privilégio dado a apenas mil empresas multinacionais que, em troca de acesso aos demais líderes e um palco, são convidadas a pagar uma pesada anuidade aos organizadores do evento.

A partir deste ano, a estatal brasileira que viveu um dos piores escândalos de corrupção da história corporativa terá uma vez mais um espaço entre a elite econômica mundial. Pedro Parente, presidente executivo da empresa, será um dos palestrantes em debate com pouca relação com corrupção ou temas políticos. Ele falará sobre inovação, mudanças climáticas e transição energética.

Mas, acima de tudo, poderá circular entre os chefes das finanças do mundo, além de mais de 70 chefes de Estado. Até 2014, a estatal bancava uma iniciativa de combate à corrupção em Davos. Mas, diante da Lava Jato, desapareceu do programa e passou a evitar a Montanha Mágica. O Fórum, apesar de questionado pelo Estado, jamais deu uma explicação sobre o papel da Petrobrás na campanha anticorrupção.

A volta a Davos, porém, faz parte de uma tentativa de um resgate da imagem da empresa. A Petrobrás pagou cerca de US\$ 3 bilhões para encerrar os processos existentes nos EUA e viu sua imagem ser duramente afetada pela Operação Lava Jato. Entidades como a Transparência Internacional chegaram a considerar a investigação no Brasil como o maior escândalo de corrupção.

Não é apenas a Petrobrás que volta à cidade de Davos. Pela primeira vez em quatro anos, um presidente brasileiro estará no evento e focará sua agenda em encontros com empresários.

No dia 24 de janeiro, Michel Temer chega à cidade na esperança de atrair investidores e tentar convencer de que existe uma retomada da economia. Temer ainda terá a ocasião de falar para os empresários internacionais na manhã do dia 24, inclusive respondendo a perguntas.

Ele será um dos poucos líderes internacionais a ter um palco apenas para ele, um sinal da importância que o evento confere à sua participação.

MME / ASCOM .